

Fábula de Robson Poeta

O Encantador de Burros

Diz a lenda que, numa cidade onde as ruas eram largas e as janelas sempre abertas, nasceu um menino de fala doce e olhos que brilhavam como moedas novas. Desde cedo ele descobriu um segredo: palavras certas, ditas no tom certo, abriam portas que chave nenhuma abria. Cresceu lendo tudo sobre mentes — psicologia, neurociência, psiquiatria — não para curar dores, mas para entendê-las e usá-las. Tornou-se mestre de escutar desejos e repeti-los de volta, embrulhados em promessas com laços vistosos.

Quando virou homem, era um retrato: terno impecável, cabelo no lugar, voz que parecia música ao longe. Subiu num caixote na praça e falou. Falou do pão que faltava, da casa sonhada, da rua segura. Falou tão bonito que até o vento se aquietou para ouvir. O povo, que trabalhava duro e carregava no lombo a vida inteira, começou a chamá-lo de Encantador de Burros — não por desprezo, mas por reconhecer a própria carga e a própria sede de chegar mais longe.

Os burros daquela terra não eram tolos. Eram teimosos na esperança. Tinham fome de vencer, medo de perder, e pressa de mudar. E no jogo da vida, quem tem fome acredita primeiro no cheiro: promessas fresquinhas assavam no forno da voz do encantador. Ele prometeu pontes onde havia rios, promessas onde havia buracos, futuro onde só se via poeira. A cada discurso, as cores da cidade pareciam mais vivas — mas era tinta de festa, que a chuva leva no primeiro aguaceiro.

Com o tempo, o encantador virou político, depois líder, depois “o maior de todos”. Sua imagem tomou as esquinas, sua fala ocupou os rádios, sua foto morou nas carteiras. A maioria o seguiu, porque a maioria tem pressa — e quem tem pressa confunde atalho com estrada. A minoria que duvidou virou pedra no caminho: “Invejosos”, diziam os cartazes. “Gente amarga”, sussurrava a propaganda.

Vieram os primeiros sinais: a ponte prometida virou pedágio, a escola virou comício, o hospital virou slogan. O encantador falava em nome do povo, mas andava cercado de espelhos. E os espelhos, ao contrário das janelas, só devolvem a própria imagem. Aos poucos, a cidade perdeu a cor. Não de uma vez — as cores somem primeiro nas frestas, depois nas fachadas. O riso ficou curto, as conversas ficaram baixas, os preços, altos. E quem carregava a carga, carregou também o silêncio.

Um velho burro — cinzento de poeira e de tempo — percebeu o truque. Não era magia: era costume. O encantamento se alimentava de três coisas: cansaço, medo e

solidão. O velho, que já vira feiras e secas, decidiu tentar outra cura. Em vez de ouvir mais um discurso, chamou os outros para ouvir uns aos outros. Passaram a noite tecendo perguntas como quem tece rede: “Quanto custou o que prometeram? Onde está a conta? Quem escolhe o caminho? Quem vigia a ponte?”

No dia seguinte, quando o encantador subiu no mesmo caixote e abriu a boca perfumada, encontrou um silêncio diferente. Não era silêncio de plateia; era silêncio de sala de aula. De cada canto, uma pergunta. De cada pergunta, um fio puxando outro fio, até que a trama do discurso começou a desmanchar. As palavras, antes brilhantes, perderam verniz. Sobraram os fatos, que não obedecem a truques.

O encantador tentou aumentar o tom, trocar as rimas, culpar o tempo, inventar fantasmas. Mas fantasia não alimenta quem aprende a contar grãos. E os burros — teimosos em aprender — passaram a pedir recibo, planilha, prazo, prestação de contas. Onde faltou resposta, sobrou verdade: prometer era fácil; cumprir dava trabalho.

A cidade demorou a recuperar as cores. Cor é coisa que volta devagar, como a confiança. Pintaram as paredes, sim, mas pintaram também os hábitos: revezaram vozes, abriram conselhos, ensinaram crianças a desconfiar do brilho e a gostar da pergunta. E toda vez que um novo orador subia ao caixote, o velho burro ajeitava as orelhas e, antes do aplauso, lembrava:

— *Palavra bonita não puxa carroça. Quem puxa é prova.*

Moral

Esperança sem pergunta vira arreio. Promessa sem prova é perfume no vento. Quem aprende a perguntar descobre que o verdadeiro encanto é pensar junto.